Rosa Reis _ Expo MAC _ Junho/2009

Nos tempos que vão correndo, o burocrata, o técnico, o artista, parecem estar acima daquilo que define o homem; a sua postura, a sua verticalidade, as suas virtudes.
Rosa Reis é um caso à parte. Tipo de mulher portuguesa, transparente, sorriso pronto, olhar meigo e apaixonado pelas pessoas e por tudo quanto faz, o traço que mais a caracteriza é a sua imensa generosidade e a alegria com que oferece a sua arte.
Isso está patente nas suas fotografias, porque não é por acaso que as imagens que capta dizem mais respeito à alma do que ao corpo.
Rosa Reis é uma artista no sentido exacto da palavra, pela alegria que transmite aos outros, pela forma idealista como encara a fotografia, pela originalidade e perspicácia como capta os melhores ângulos de um rosto, o sentido de um gesto, de um movimento ou dos vários aspectos do quotidiano, transformando a realidade através de um modo de ver que é o seu.

Com as imagens que nos oferece, podemos identificar o seu modo de estar e sentir, os seus motivos, a forma mágica como ela integra a realidade dos objectos, a presença num mundo continuado e poético que é a sua obra.

Num olhar perspicaz, vocacionado para a captação intemporal do mundo, das pessoas e das coisas, dos espaços e dos tempos, capta a magia do momento incomensuravelmente mínimo, em que o seguinte se desiguala por força do tempo que vivemos, insertos que somos no nosso universo cósmico.

A imagem fotográfica tem a capacidade de reter presenças que de algum modo sirvam, por um lado para o reconhecimento do real e sua apreensão como a mágica representação de momentos de memória.

Entra por este meio no universo das artes, da arte, talvez ao nível da simbólica representação pré-histórica para a apreensão do objecto, tornado objecto de arte pela evolução dos conceitos.

Tomemos esta analogia como se a fotografia fizesse parte ainda da antropologia das memórias registadas.

Mas, quando a fotografia ultrapassa o real e penetra um mundo filtrado pelo fotógrafo, entra já conceptualmente no campo da arte como fazendo parte integrante dos objectos sujeitos à manipulação do artista, surgindo um objecto-outro posto em acto pela mente criativa do artista.

Em Rosa Reis, ao longo da sua obra publicada, sentimos esse estímulo de registos e comparações do homem em habitats vários, reformulados e inseridos em contextos diversos, dando-nos por vezes a dimensão de escadas e situações em que o homem se ultrapassa a si mesmo; noutras séries de obras oferece-nos o inquietante e palpitante espectáculo do frenesi actuante, como se o som e o movimento parassem no tempo, para nos fazer chegar o sentir e o respirar daquele momento.

Assim, é necessário chamar a atenção para o facto de a obra de Rosa Reis não ser a imagem em geral, mas sim o modo como aquela foi concebida e realizada através de um dispositivo técnico, elemento intermediário e interfactual entre Ela e o mundo.

No entanto e apesar desta demarcação, é evidente que na sua condição real de imagem, depende ainda de outras relações.

A mais problemática será sem dúvida do ponto de vista histórico e ontológico que a imagem assinala como uma ferramenta de representação realista que Rosa Reis na sua imensa qualidade delata, pela formulação interna que determina a sua forma específica de aprender a realidade, dá-nos essa mesma realidade como sua.

É por esta qualidade enorme que Rosa Reis nos apresenta agora no MAC Movimento Arte Contemporânea esta exposição e nos oferece aquilo que tomou para si no tempo e no momento como corpo e alma das coisas ali representadas.

Álvaro Lobato de Faria
Director Coordenador do MAC
Movimento Arte Contemporânea